

## **PERFIL DE USUÁRIOS DO SUS COM DOR MUSCULOESQUELÉTICA CRÔNICA À ESPERA DE ATENÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM PELOTAS**

ANA ALICE CARDOSO FARIA<sup>1</sup>; BRUNA PEREIRA SIQUEIRA<sup>2</sup>; ALINE JOSIANE WACLAWOVSKY<sup>3</sup>; MAÍRA JUNKES CUNHA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas- [anaalicefaria02@hotmail.com](mailto:anaalicefaria02@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas- [brunapsiqueiraa2001@outlook.com](mailto:brunapsiqueiraa2001@outlook.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Maria- [alinejosianenew@gmail.com](mailto:alinejosianenew@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas-[mairajunkes.cunha@ufpel.edu.br](mailto:mairajunkes.cunha@ufpel.edu.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

A dor crônica se caracteriza como dor contínua ou recorrente com duração mínima de três meses, muitas vezes com etiologia incerta trazendo implicações para a saúde da população (DELLAROZA,2007). De acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2023, quase 37% dos brasileiros acima de 50 anos têm dores crônicas e dentro desta porcentagem, a dor musculoesquelética apresenta uma das maiores incidências (BRASIL, 2023).

Esta condição demonstra uma maior contribuição para a incapacidade funcional global e projeções indicam que com o envelhecimento populacional e pelo crescimento demográfico deverá ter um aumento de 115%, chegando a cerca de 1.060 milhões de cidadãos afetados até 2050 (GILL,2023). Consequentemente, haverá uma piora na qualidade de vida destes indivíduos já que a inaptidão física pode comprometer a independência e desencadear o afastamento social e absenteísmo no trabalho (MOURA,2016).

Em razão da dor persistente, o uso de opioides é amplamente indicado para o tratamento dessa condição, pois proporciona alívio temporário dos sintomas. No entanto, a utilização prolongada pode levar ao desenvolvimento de dependência, uma vez que o organismo tende a criar tolerância, exigindo doses cada vez maiores para alcançar o mesmo efeito (STRETANSKI,2025).

Compreender o perfil desta população é de suma importância para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas mais específicas e efetivas levando em consideração todo o contexto social, emocional e comportamental. Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever as características da população com dor musculoesquelética crônica de usuários do Sistema Único de Saúde no município de Pelotas.

### **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal, observacional e descritivo. A amostra foi composta por pacientes recrutados da lista de espera para atenção fisioterapêutica especializada com encaminhamento por dor musculoesquelética crônica no SUS, disponibilizada pela Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas, mediante autorização e comprometimento com a confidencialidade dos indivíduos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPeI), sob o número 7.060.838. Era necessário que os participantes concordassem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para serem direcionados aos questionários online.

Para a coleta de dados, desenvolveu-se um questionário na plataforma Research Electronic Data Capture (REDCap), hospedado na Universidade Federal de Pelotas, distribuído em formato digital, via mensagem no Whatsapp. Os indivíduos que aceitaram participar do estudo responderam uma série de perguntas que incluíam dados sociodemográficos, dados comportamentais, questões que englobavam a condição de saúde mental e física, caracterização da dor e capacidade funcional.

Os dados coletados foram analisados e comparados visando identificar o perfil sociodemográfico da população com dor crônica musculoesquelética em Pelotas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, 1208 indivíduos constavam na listagem obtida. Destes, 154 responderam os questionários por completo. A maioria da amostra era do sexo feminino (87,01%) e a minoria do sexo masculino (12,98%). Em relação à raça, 72,07% se autodeclararam brancos, 14,28% pretos, 12,33% pardos, e 1,29% preferiu não declarar.

No que se refere a ocupação, 61,03% exerciam trabalho remunerado, 33,76% estavam aposentados e 5,19% eram estudantes. A renda mensal predominante da amostra foi entre 1 e 2 salários-mínimos mencionada por 59,09% das pessoas, seguida de menos de um salário mínimo (22,72%). Outros 11,03% relataram renda entre 2 e 4 salários-mínimos, apenas 0,64% entre 4 e 6 salários-mínimos, enquanto 6,49% não quiseram informar.

Em relação à escolaridade, 2,59% tinham concluído apenas a educação infantil, 27,27% não haviam concluído o ensino fundamental e 9,09% haviam concluído. Ensino médio incompleto foi relatado por 10,39% dos participantes, e o médio completo por 37,66%. Já o nível superior incompleto foi mencionado por 5,19% e o superior completo por 7,79%.

A faixa etária se dividiu em 3,24% com menos de 29 anos, 8,44% tinham entre 30 e 39 anos, 30,52% entre 40 e 49 anos, 28,57 entre 50 e 59 anos, 22,07% entre 60 e 69 anos, 6,49% entre 70 e 79 anos e 0,65% com mais de 80 anos. Quanto à prática de atividade física, 29,22% praticam regularmente, enquanto 70,78% não praticam.

A população que apresenta dor musculoesquelética crônica tem um perfil variado, porém, há algumas características mais frequentes. CARVALHO et al. (2018), encontrou que no Brasil, o perfil desta população é composto por, em sua maioria, mulheres brancas, idosas, com o nível de educação superior e baixa renda.

Ao comparar o perfil encontrado neste estudo com os resultados de CARVALHO et al. (2018), é possível observar diferenças relevantes que refletem diferentes contextos sociodemográficos. No contexto regional, este perfil patológico se mostrou mais presente em indivíduos com idade economicamente ativa, o que pode estar relacionado a fatores como exposição precoce a demandas de trabalho físicas, padrões culturais e climáticos que favorecem a inatividade física, além de diferenças no acesso e na busca por serviços de saúde.

Condizente com os achados deste estudo, DZAKPASU et al. (2021) identificaram forte associação entre comportamento sedentário e dor musculoesquelética crônica. Além disso, evidenciaram a relação entre dor e

trabalho remunerado, ressaltando que, em diversas ocupações, a necessidade de permanecer em pé durante todo o dia pode contribuir para o agravamento do quadro algico.

A elevada proporção de indivíduos sedentários encontrada na amostra tem implicações importantes no manejo da dor musculoesquelética crônica. GENEEN et al. (2020) indica que a prática regular de atividade física, mesmo com efeitos de pequena a moderada magnitude, pode reduzir a intensidade da dor e melhorar a função física, sugerindo que o sedentarismo representa um fator modificável bastante relevante.

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo encontrou resultados, no geral, consistentes com estudos já existentes. Foi identificada a predominância de dor musculoesquelética crônica em um grupo com vulnerabilidades multifatoriais, composto por mulheres brancas, com idade entre 40 e 49 anos, com trabalho remunerado, baixa renda, escolaridade de nível médio e sedentárias. Esses achados reforçam a importância de estratégias de promoção e prevenção voltadas a esse perfil populacional.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELLAROZA, M.S.G. Caracterização da dor crônica e métodos analgésicos utilizados por idosos na comunidade. **Revista Associação Médica Brasil**, Brasil, v.54, n.1, p.36-41, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças crônicas, Brasília, 07 dez. 2023. Acessado em 02 ago 2025. Online. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/pesquisa-aponta-que-quase-37-dos-brasileiros-acima-de-50-anos-tem-dores-cronicas>.

GILL, T.K. Global, regional, and national burden of other musculoskeletal disorders, 1990–2020, and projections to 2050: a systematic analysis of the Global Burden of Disease Study 2021. **The Lancet Rheumatology**, Reino Unido, v.5, n.1, p.639-696, 2023.

MOURA, C.D.C. Impactos da dor crônica na vida das pessoas e a assistência de enfermagem no processo. **SciELO**, Brasil, v.35, n.1, 2017.

STRETANSKI, M.F. **Chronic Pain**. Estados Unidos: StatPearls, 2025.

CARVALHO, R.C.D. Prevalência e características da dor crônica no Brasil: um estudo nacional baseado na internet. **Scielo**, Brasil, v.4. n.1. 2018.

DZAKPASU, F.Q.S. Musculoskeletal pain and sedentary behaviour in occupational and non-occupational settings: a systematic review with meta-analysis. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, Reino Unido, v.18, n.159, 2021.

GENEEN, L.J. Physical activity and exercise for chronic pain in adults: an overview of Cochrane Reviews. **Cochrane Library**, Reino Unido, v.4. 2020.